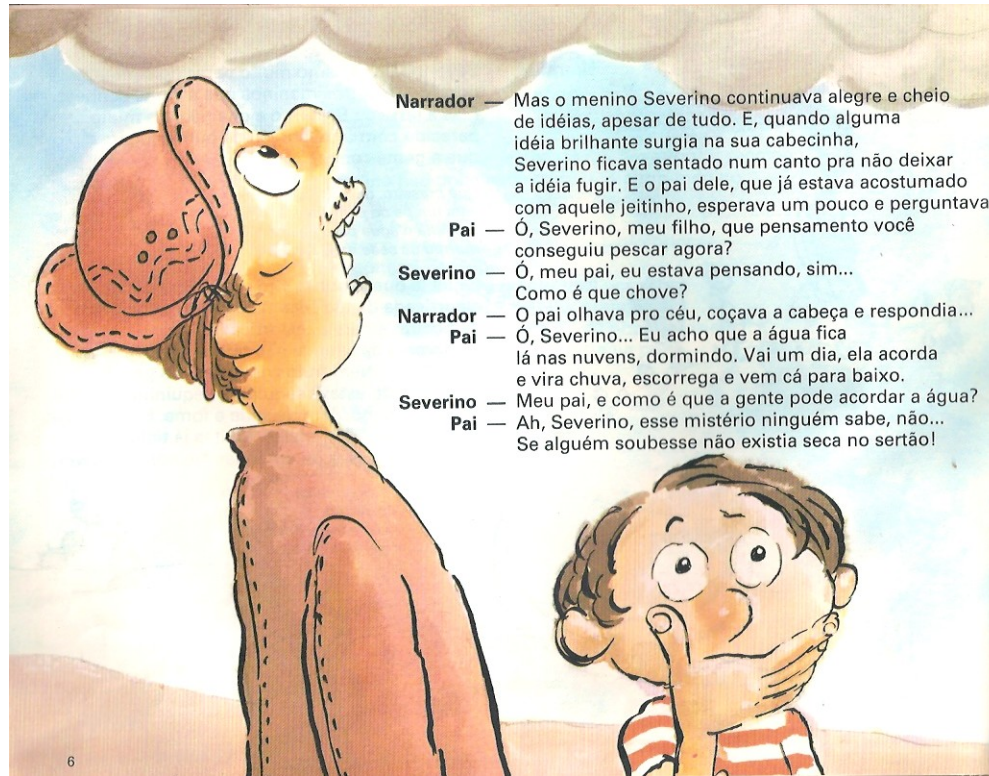


Narrador — Severino era mesmo muito parecido com uma porção de outros meninos que a gente conhece. Mas a terra de Severino é que não era muito parecida com uma porção de outros lugares que a gente conhece.

*Que braseiro, que fornalha,
nem um pé de plantação.
Por falta d'água perdi meu gado,
morreu de sede meu alazão.*

Narrador — É que lá quase nunca chovia. A terra já estava esturricada de tão seca. Tudo estava cheio de poeira, amarelo, esturricado! As árvores da catinga não tinham mais folhas. Nem flores. Nem frutas gostosas pra gente comer. Tudo estava sequinho, sequinho, até o rio. Os animais morriam de sede e fome. E as pessoas iam ficando muito tristes. Muitas já tinham partido em busca de um lugar melhor para viver.

*Até mesmo a asa branca
bateu asas do sertão.
Então eu disse "adeus, Rosinha,
guarda contigo meu coração".*



- Narrador** — Mas o menino Severino continuava alegre e cheio de idéias, apesar de tudo. E, quando alguma idéia brilhante surgia na sua cabecinha, Severino ficava sentado num canto pra não deixar a idéia fugir. E o pai dele, que já estava acostumado com aquele jeitinho, esperava um pouco e perguntava...
- Pai** — Ó, Severino, meu filho, que pensamento você conseguiu pescar agora?
- Severino** — Ó, meu pai, eu estava pensando, sim... Como é que chove?
- Narrador** — O pai olhava pro céu, coçava a cabeça e respondia...
- Pai** — Ó, Severino... Eu acho que a água fica lá nas nuvens, dormindo. Vai um dia, ela acorda e vira chuva, escorrega e vem cá para baixo.
- Severino** — Meu pai, e como é que a gente pode acordar a água?
- Pai** — Ah, Severino, esse mistério ninguém sabe, não... Se alguém soubesse não existia seca no sertão!

Narrador — O pai levantava e deixava Severino ali sentado, olhando para as nuvens, pensando...

*Cai, chuva, cai lá do céu!
Cai, chuva, no meu chapéu...
Bão, balalão, nuvem de algodão,
vem chover, vem chover,
bem aqui no meu sertão...*

Narrador — Mas as nuvens continuaram imóveis, como se não tivessem ouvido a voz do menino!
De repente, Severino deu um salto.

Severino — Oba! É isso! Se eu chamar o pessoal todo, a voz da gente vai conseguir chegar lá em cima!

Narrador — Severino chamou e a criançada foi se aproximando. Uma, duas, três...

*Cai, chuva, cai lá do céu!
Cai, chuva, no meu chapéu...
Bão, balalão, nuvem de algodão,
vem chover, vem chover,
bem aqui no meu sertão...*





Narrador — Coitado do Severino... As nuvens, nem te ligo!
Os meninos ficaram parados, esperando,
esperando, e a chuva não veio. Mas Severino
não desanimava fácil, não! Botou a mão
no queixo, pensou, pensou e deu outro pulo!

Severino — Gente, tive outra idéia!

Vozes — Conte, conte logo, Severino! Diga logo!

Severino — O que é, o que é?

Pintadinho que nem guiné,
fala sem ter boca
e caminha sem ter pé?

Vozes — Já sei, já sei! Uma carta! Uma carta!

Severino — Isso mesmo! Pois então, vamos escrever
uma carta pedindo pra nuvem chover!

*Cai, chuva, cai lá do céu!
Cai, chuva, no meu chapéu!*

Narrador — E lá se foram eles,
correndo, pegaram papel, lápis de cor e caneta.
Mas, quando voltaram, descobriram
que estava faltando alguma coisa...





Menino — Severino, desista! É muito difícil falar com as nuvens.

Menina — Elas não querem conversa com a gente, não!

Narrador — Mas Severino era um menino muito persistente.

Severino — Nada disso! Eu vou continuar tentando!

Narrador — E Severino disparou correndo, apanhou um galho de árvore que tinha uma forquilha e amarrou um elástico. Depois, voltou e mostrou para os amigos.



Severino — Vamos jogar as bolinhas com esta atiradeira. Assim, elas vão mais longe.

Meninos — Olha aqui, Severino, mais uma vez a gente tenta! Só mais uma vez! Só mais uma, tá?

*Cai, chuva, cai lá do céu.
Cai, chuva, no meu chapéu!*

Narrador — Só que esta tentativa também não deu certo: nada de chuva! Mas Severino ainda teve outra idéia...

Severino — Já sei! A gente pode fazer uma pipa, uma arraia bem grande!

Menina — Depois a gente amarra um barbante bem comprido, prende o desenho nele...



Severino — E vai empinar perto das nuvens...

Menino 1 — Isso mesmo! Eu vou fazer um barrilete azul-marinho!

Menino 2 — Eu vou fazer uma capucheta de jornal...

Menino 3 — Eu... eu vou fazer uma caixa bem grande, de todas as cores!

Menino 4 — Oba! O meu vai ser uma estrela...

Narrador — Quando tudo ficou pronto, as crianças enfiaram os desenhos na linha e começaram a empinar os papagaios.

Os desenhos foram subindo, subindo...

Mas não chegaram até as nuvens...



Severino — Não desanimem não, a gente ainda vai achar um jeito de fazer chover. É só ter mais um pouquinho de paciência.

*Quando o verde dos teus olhos
se espalhar na plantação,
eu te asseguro, não chore não, viu,
que eu voltarei, viu, meu coração!*

Narrador — Então, Severino teve a idéia de amarrar os desenhos na perninha de um pombo-correio. O pai de Severino e os pais dos outros meninos se aproximaram curiosos.

